

Israel não era vedete do Show

A AGUA DO ALVORADA

Estava pronto o Palácio da Alvorada, e o abastecimento de água era feito por pipas para uma grande caixa que abastecia a residência presidencial.

Estudou-se uma solução, e quem apresentou a solução foi o dr. Targino, que naquela época dirigia o DAE. No outro lado do Lago, havia uma fonte, que ainda hoje a Novacap conserva com muito carinho. Naquela época não havia lago, e foi feito um duto que trazia água diretamente da nascente para o Palácio.

Era necessário um tipo de manilha especial, e coube ao americano George Hommer fornecer. Em pouco tempo, o palácio presidencial recebia a mais cristalina água.

Aos poucos o lago foi se formando e o duto sendo encoberto pelas águas.

Quando eleito presidente da República, o sr. Jânio Quadros soube da coisa e mandou verificar a nascente. Achou um escândalo, porque a água brotando da terra sem nenhuma proteção trazia um problema de segurança para o Presidente da República e mandou suspender o fornecimento. Foi feita, então, uma ligação com o R—2, que é a atual.

OS TAPETES DO SUPREMO

Os operários estavam terminando o prédio do Supremo Tribunal Federal, e o seu presidente já estava inaugurando. As últimas horas foram dramáticas, pelo menos para se abrir o caminho por onde passariam as autoridades.

Barros Barreto, seu presidente, fora contra a mudança, mas depois de ser voto vencido, arregaçou as mangas e fez todo o mundo se transferir para Brasília.

Faltavam poucas horas para chegar os convidados, e Walter Galante estava estendendo tapetes, colocando carpetes. Era um desencontro total. Ninguém se entendia, e as coisas iam ficando prontas ninguém sabe como.

Quando o presidente entra num salão, encontra Walter Galante com um problema difícil. O tapete enviado estava com as medidas erradas, e não dava para a sala toda. Não havia tempo a pensar. Não havia carpete a mandar buscar. Tinha que ser resolvido naquele momento.

O presidente entra na sala, toma conhecimento do fato, e se dirige para Galante dedo em riste: “Você é um irresponsável!”

Não cabia discutir. Não havia con-

dição de diálogo. E Walter Galante interrompe a indignação do presidente com a explicação de que as medidas vieram mais curtas.

— “Arranje um móvel para aqui, presidente, que o tapete dá até essa ponta”. E pondo o pé no chão em ponta distante do corpo, Galante mostrava até aonde iria o tapete”. Arranje um móvel, doutor, que a coisa vai”.

E foi o próprio presidente Barros Barreto quem subiu os andares em busca de um móvel daquele tamanho. E encontrou um armário.

Até hoje está lá.

PRIMEIRO CARRO DE TV

O link de televisão se espichava Brasil afora, e procurava ligar Belo Horizonte a Brasília. Da capital mineira ao Rio, já havia comunicação. O importante era a imagem ser levada de Brasília para Rio e S. Paulo, porque naquela época não havia Embratel, e a imagem fora do alcance da torre era milagre.

Vitor Purri Neto se desdobrava mata dentro instalando postos. De São Paulo, veio a sugestão: transmitir a imagem para um DC—3 e deste, para Belo Horizonte ou S. Paulo. Mas no

meio das hipóteses, chegou um carro de transmissão, que seria a base, em terra. Era um carro azul, muito grande, da TV Tupi.

Jairo Valadares e eu procuramos tirar proveito do primeiro carro que chegava a Brasília para transmitir imagem. E fomos ao Palácio da Alvorada. Juscelino não poderia visitar o carro, porque estava saindo para o Catetinho, onde encontraria as crianças de Brasília.

Era domingo cedo, e fui correndo à Novacap. Entrei direto ao gabinete do dr. Israel para pedir ajuda. Ele poderia levar o Juscelino a visitar o caminhão de reportagem.

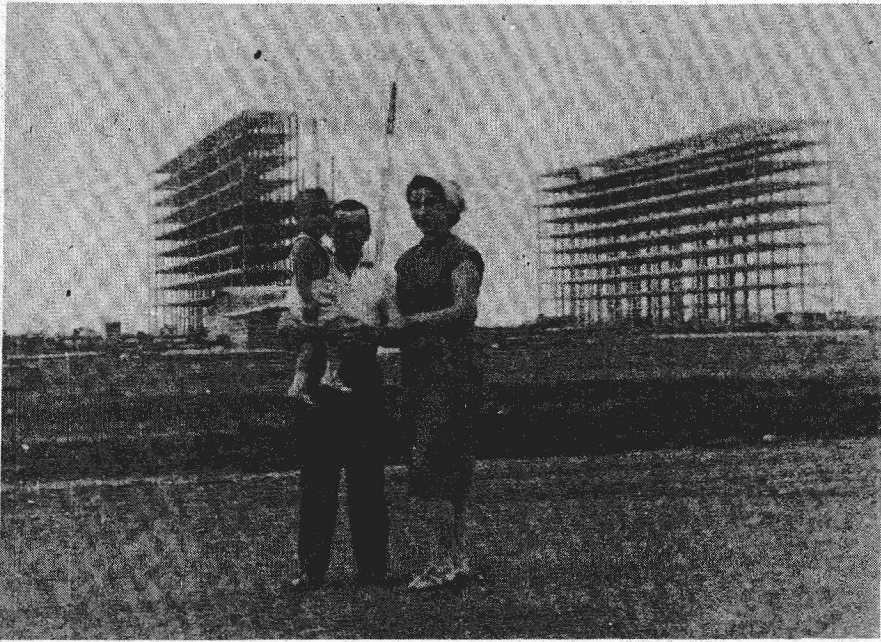
Quando entrei, doutor Israel estava em sua mesa, sozinho, vendo processos. Expliquei como seria importante para nós a foto dele e do presidente visitando o caminhão de reportagem. Doutor Israel nem pensou muito para dizer:

“Eu não sou vedete do show de ninguém. Leve seu carro pó inferno, que não vou tirar foto com ninguém”.

Dei as costas, e fui para o Catetinho com o caminhão e o Jairo. Lá, Juscelino visitou, deixou-se fotografar, e quando Israel chegou, já atrasado, limitou-se ao seu gesto simpático de espalmar as

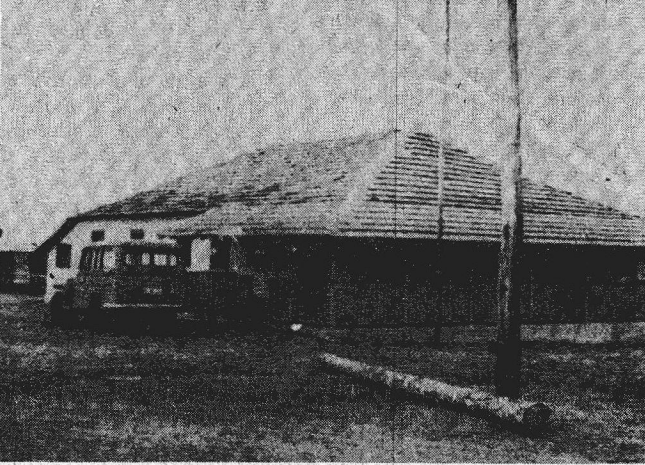
mãos, passá-la no rosto, espremendo o nariz entre o polegar e o indicador. Balançou a cabeça, e chegando-se a

mim, terminou: “Você ganhou”. Mas mesmo assim não se deixou fotografar. Só o Presidente.



Esplanada dos Ministérios. 1958. A praça praticamente deserta. Pessoas, de raro em raro são, vistas. Uns poucos carros quebram, às vezes, com o ruído de seus motores, o silêncio da grande planura. Os dois esqueletos de aço que aparecem na foto acima transformaram-se em

dois modernos Ministérios, cheios de gente e de vida. A terra vermelha, coberta de poeira ou de lama, é agora um belo jardim e centenas de carros correm de um lado para o outro, como cogumelos que brotassem do nada.



Apontada como exemplo da arquitetura moderna, cidade feita para o futuro, a foto acima, tirada em 1957, mostra o que era a primeira estação de passageiros do primeiro campo de pouso de Brasília, entre o Catetinho e o Country Club. Era a única construção existente em toda a redondeza, como sede da Fazenda do Gama.

FESTA DA CUMEEIRA

Havia uma disputa na construção da cidade, que era para ver quem entregava a primeira cumeeira pronta.

As superquadras mais adiantadas era a 106 e a 108, a primeira, do IAPC e a segunda, do IAPB. Os engenheiros fiscalizavam as obras dos vizinhos, para levar a si a glória da primeira festa da cumeeira.

Foi quando surgiu a idéia do IAPB, em levantar o prédio de duas em duas lajes. Assim, a 108 fez a primeira festa da cumeeira, mas quem, na verdade entregou o primeiro prédio, foi a Kosmos Engenharia, na 106, sob a chefia do dr. Cláudio Santana.

É que o edifício da 108 fez a festa com três lajes, para depois construir as intermediárias, mas a 106 entregou o prédio inteiro pronto em primeiro lugar.

CHURRASCO DE VEADO

Luciano Marinho estava construindo as primeiras casas de ministro, e exatamente na casa que hoje é do Ministro da Educação, ficava o restaurante do acampamento. Naquele domingo, eu saí com o José Roberto, motorista do jornal, que vinha da Belém-Brasília, onde trabalhara com Sayão, e hoje presta serviço ao Palácio do Buriti.

Quando chegamos ao acampamento, avisei ao Luciano que viéramos para almoçar e queríamos churrasco. Ele chamou um motorista e mandou à Cidade Livre comprar pedaço de carne gorda. Quando o homem ia saindo, à frente do jeep se atira um veado pintado. Ele salta, rápido, apanha um pedaço de pau e atira nas pernas do animal. Em meia hora estava sendo carneado.

Outra história de veado foi durante a construção do Hotel Nacional. Os primeiros andares já estavam inaugurados, e o “capitão” Ferreira estava no seu posto. Os candangos da Pacheco Fernandes descansavam onde é hoje o estacionamento do Tabu. De repente, um grito e outros mais. Correrias. E que aparecera um veado, vindo das bandas do lago, e perdido, desorientou-se. Todos correndo atrás, coube, entretanto, ao Ferreira, porteiro, a glória de aprisionar o animal.